

*Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Municipal*

*Exmos. Srs. Membros da Mesa da Assembleia Municipal*

*Exmos. Srs. Eleitos da Assembleia Municipal*

*Exmos. Srs. Vereadores*

*Exmas. Entidades Oficiais*

*Exmos e Exmas Convidados*

*Minhas senhoras e Meus senhores*

Celebramos hoje os 49 anos da Revolução dos Cravos mas, fundamentalmente, festejamos a Liberdade!

Sabemos que, ao longo do caminho percorrido pela Humanidade, o conceito de Liberdade não tem sido sempre o mesmo. Houve uma altura em que a Liberdade significava, tão-somente, o direito a existir e a estar vivo. Houve outra em que a Liberdade correspondia ao desejo de não ser escravo, nem servo e não ser propriedade de quem detinha o poder!

A Revolução Francesa no século XVIII trouxe, pela primeira vez, para a vida dos homens e das mulheres um novo conceito de Liberdade. Foi o tempo do ideal iluminismo europeu segundo o qual o Homem nasce livre e devia passar a usar a sua inteligência para mudar o mundo à sua volta. Foi a época que consagrou a ideia de que todos os homens devem ser livres e iguais.

Por isso gostava, neste momento, de propor aos presentes com menos de 50 anos de idade, que façam o seguinte exercício: admitiriam, em algum momento das vossas vidas, viver numa sociedade, na qual:

- a. As mulheres casadas tivessem de ter autorização dos maridos para terem passaporte e viajar?
- b. Todas as viagens para fora do país, tivessem de ser autorizadas pela polícia?
- c. Os escritores e/ou poetas que pretendessem publicar a sua obra tivessem, previamente, de a ver aprovada por uma Entidade Governamental, que a pudesse cortar, riscar e censurar?

- d. Só fosse possível perfilhar uma religião e ser preso por perfilhar outra?
- e. As pessoas pudessem ser detidas, sem culpa formada, por simples vontade da polícia, ou, somente por terem ideias ou defender valores diferentes das do poder político vigente?
- f. As pessoas pudessem ser detidas por uma simples denúncia de um vizinho ou de um inimigo?
- g. Não se pudesse constituir uma simples Associação ou participar nos seus órgãos diretivos, sem que a Polícia Política o autorizasse previamente?
- h. No qual o direito à greve fosse proibido e os demais elementares direitos dos trabalhadores limitados?
- i. No qual o direito à orientação sexual fosse proibida e pudesse originar a prisão.

Estou convencida que nenhum dos presentes admitirá, mesmo que só hipoteticamente, viver num país em que tal fosse possível.

É este o exercício meramente teórico, que contém algumas das características do regime político que os militares de Abril derrubaram em 25 de abril de 1974.

Portugal era assim e era deste modo que estava organizado.

Estou perfeitamente convencida que nenhum dos presentes encara como possível viver num regime político com as características atrás referidas. Estou mesmo convencida que, para muitos dos presentes, tais características poderão ser inclusive uma novidade, mas era nestas circunstâncias que os portugueses viviam, na chamada “ditadura de Salazar e Marcello Caetano”!

Entendamo-nos: a Liberdade é algo muito frágil! Da qual temos de tratar segundo a segundo, minuto a minuto, hora a hora, dia a dia! A liberdade não existe por si, nem em si! A liberdade só existe se o ser Humano lhe der corpo e for capaz de a manter viva e de a transmitir.

Estou-me a lembrar que o Império Romano esteve em guerra durante pelo menos 50% da sua existência! Estou-me a lembrar da Guerra dos cem anos. Estou-me a lembrar que os Estados Unidos, desde a sua existência passaram mais de cem anos em Guerra. Estou-me a lembrar que os povos da Ásia, África, Américas, antes de serem colonizados

se combatiam frequentemente, se escravizavam uns aos outros e criavam Impérios próprios. Lembro-me dos milhões de mortos às mãos do Partido Comunista Soviético e do ditador Estaline, dos milhões de mortos às mãos de Hitler e da sua sede de poder, dos três milhões de mortos às mãos de Mao Tsé-Tung na imposição do Comunismo na China, na denominada “Grande marcha”.

Mais exemplos históricos podíamos dar, mas penso que estes são suficientes para constatarmos quão dura e cruel tem sido a luta pela Liberdade.

Ser livre e conviver com a liberdade - nossa e dos outros - não é uma tarefa fácil nem cómoda.

Esta tarefa é difícil, mas em Portugal desde o 25 de abril de 1974 tem sido realizada com êxito e temos conseguido concretizar tais objetivos! Vivemos em liberdade! Caminhamos em Liberdade! Todos a podem exercer e todos a exercem! O conteúdo da mesma nunca foi tão amplo como é hoje! Liberdade já não é o direito a viver ou a sobreviver e a não ser escravizado, mas é, também, o direito à vida, à integridade pessoal, à identidade pessoal, ao desenvolvimento da personalidade, à cidadania, ao bom nome e reputação, à imagem, à palavra, à reserva da intimidade da vida privada e familiar, à proteção legal contra quaisquer formas de discriminação, à liberdade e à segurança, direito de constituir família e de contrair casamento em condições de plena igualdade, direito de exprimir e divulgar livremente o seu pensamento pela palavra, imagem ou por qualquer outro meio, direito de informar e de ser informado sem impedimentos nem discriminações, direito à liberdade de imprensa, de religião e de culto, liberdade de aprender e ensinar, direito de reunião e de manifestação, liberdade de escolha de profissão e acesso à função pública, direito de tomar parte na vida política e na direção dos assuntos públicos do país, direito de sufrágio, direito à segurança no emprego, direito à liberdade sindical, direito à greve, direito ao trabalho, direito à proteção da saúde, direito a uma habitação, direito a um ambiente de vida humano, sadio e ecologicamente equilibrado, direito à educação e à cultura, direito ao ensino e outros tantos que aqui poderia enumerar.

Meus Senhores e minhas Senhoras: nunca a Humanidade foi tão longe no conteúdo que deu ao conceito de liberdade e ao seu exercício. Todavia, também é verdade que nunca a liberdade esteve tão em perigo como está hoje. Por um lado, há cada vez mais países que vivem em regimes ditatoriais, veja-se a título de exemplo a Federação Russa, a

República Popular da China, a República Popular Democrática da Coreia, a República de Cuba, Nicarágua, Venezuela. Por outro lado, as novas ferramentas tecnológicas têm sido um instrumento cada vez mais utilizado pelos inimigos da liberdade, que o fazem e bem. Por outro, em muitos países existe uma deficiente cultura da liberdade. Finalmente, há cada vez mais políticos e ideólogos que defendem a chamada “democracia iliberal” tais como Donald Trump, Bolsonaro, Marine Le Pen, Putin e André Ventura, que têm muito apoio dos média e cujas posições os povos vão aceitando com alguma resignação.

Em Portugal, desde o 25 de abril de 1974, existe uma geração que nunca titubeou, uma geração que nunca teve dúvidas quanto à necessidade de defender, de caminhar e lutar pela liberdade. Que nunca teve dúvidas que quando defendemos a nossa liberdade, também devemos defender, em pé de igualdade, a liberdade dos outros. Dessa geração, que nunca teve dúvidas e nunca titubeou, destaco o Sr. Dr. Mário Soares, o Dr. Salgado Zenha, o Dr. Jorge Sampaio, o Sr. General Ramalho Eanes e o Dr. Álvaro Cunhal.

Cabe agora à minha geração e à geração de todos aqueles que exercem o poder, fazer exatamente o mesmo. Ou seja, cuidar da liberdade, aprofundá-la, ser intransigente na sua defesa, não ter dúvidas de que só somos livres, quando os outros também o são e não vacilar sempre que for necessário tomar posição relativamente àqueles que não a defendem ou que a violam.

A liberdade não é negociável.

Meus senhores e minhas senhoras,

Relembro que a nossa História, a História da Humanidade, tem sido feita de lutas, de guerras e de muito sofrimento.

Recordo todos aqueles e aquelas que, ao longo de séculos, foram escravizados e que nunca souberam o que é ser livre.

Recordo aqueles que, vítimas do colonialismo, foram retirados das suas terras e das suas famílias e que nunca conheceram o sabor da liberdade.

Recordo os judeus que a Inquisição matou em Portugal e Espanha, só por perfilharem outra religião que não a católica.

Recordo os cerca de 4 milhões e meio de pessoas assassinadas na União Soviética só porque pensavam diferente do Partido Comunista Soviético.

Recordo os 10 milhões de pessoas que foram mortas durante a 2.<sup>a</sup> Guerra pelos nazis, somente, porque eram judeus, comunistas, anarquistas, socialistas, ciganos, homossexuais, deficientes, etc.

Recordo os 20 milhões de chineses que terão falecido durante a 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial.

Recordo os 27 milhões de pessoas que faleceram vítimas da repressão e do terror imposto pelo Partido Comunista Chinês.

Recordo finalmente os milhares de Ucrânianos que têm sido mortos na Guerra que a Federação Russa, em 24 de fevereiro de 2022, tentou contra o Estado Independente e Soberano da Ucrânia e contra o povo ucraniano.

Como resultado, o caminho da liberdade tem sido muito doloroso! Tem sido muito sofrido! E tem causado muita dor!

Todavia, estou certa que em qualquer lugar, a qualquer hora, haverá sempre um homem ou uma mulher que transportará dentro de si a chama da liberdade, por maior que seja a repressão, por maior que seja a maldade humana. Estou certa de que haverá sempre um homem ou uma mulher, por pior que sejam as circunstâncias, que lutará e clamará pela sua liberdade e pela liberdade dos outros.

A nossa condição de sermos Humanos, de sermos racionais e pensantes, obriga-nos a não assobiar para o lado e a não fazer de conta.

A nossa bondade, a nossa inteligência e o nosso amor à liberdade deve impor-nos que, mesmo nos momentos mais difíceis, sejamos capazes de defender a liberdade, de lutar por ela, mesmo que sejamos os únicos a fazê-lo.

Enganem-se todos aqueles que pensam que o ser Humano poderá, algum dia, ser dominado e ser incapaz de lutar pela liberdade!

Haverá, sempre, alguém, homem ou mulher, que no silêncio, na repressão, no sofrimento e na dor quererá ser livre!

Haverá, sempre, alguém que quando os ditadores esperarem o nosso fracasso será capaz de dizer “NÃO!” e, com força e com intensidade, declarará querer ser livre!

Apelo a todos, aos homens e mulheres verdadeiramente livres, aos homens e mulheres que amam de forma incondicional a liberdade, aos homens e mulheres para quem a liberdade é uma forma de vida, que não desistam, que se empenhem, que lutem e que levem à geração que nos seguirá a chama acesa que a orientará para a liberdade.

Meus senhores e minhas senhoras, quero agora falar um pouco do nosso concelho e dos nossos comportamentos relativamente à liberdade.

Quando o Partido Socialista, e a lista que encabecei, venceu as eleições para a Câmara Municipal de Mora, em setembro de 2021, resumimos o propósito do nosso mandato ao seguinte lema ***“Em 2021 a liberdade, o Humanismo, a esperança, a capacidade de empreender, o espírito de tolerância e o diálogo, chegaram a Mora e, vieram para ficar!”***

Ao longo destes dezoito meses, **dezoito meses** de mandato, temos sido coerentes com tal propósito.

Não afastámos, nem criticámos aqueles que nos apoiaram durante o processo eleitoral e que, por um motivo ou outro, se afastaram de nós.

Não contratámos ninguém para a Câmara Municipal de Mora por pertencer ao Partido Socialista ou ser simpatizante do mesmo.

Não impedimos nenhum trabalhador de progredir na carreira pelo facto de não ser apoiante do Partido Socialista ou, ser simpatizante ou mesmo militante do Partido da oposição.

Criámos um ambiente de tolerância em todos os serviços e ninguém foi perseguido, ou será perseguido, ***por ser opositor ou por discordar*** das posições da Câmara Municipal.

Temos tolerado aqueles que durante o horário de trabalho têm feito de ***forma aberta, persistente e ilegal uma campanha de oposição*** à atual maioria da Câmara Municipal de Mora.

Temos em todas as circunstâncias defendido a liberdade, a tolerância e o diálogo como forma a encontrar soluções e resolver problemas.

Acreditamos muito sinceramente na liberdade, acreditamos que o poder só deverá ser exercido em liberdade. Àqueles que nos criticam pelo facto dos três eleitos do PS na Câmara Municipal terem, algumas vezes, publicamente, visões diferentes dos problemas, concepções diferentes para as soluções dos mesmos, temos a dizer que na Câmara Municipal de Mora não existe a “voz do dono”, não existe a “certeza absoluta”, não existe “o posso, quero e mando” existem, sim, eleitos que acreditam na liberdade, na liberdade de pensar, na liberdade de ter ideias próprias e na liberdade de discutir e discordar.

Sei que tudo isto é diferente daquilo que aconteceu durante 45 anos. Sei que é muito diferente da cultura predominante que sempre existiu em Mora. Todavia, convictamente, acreditamos que este é o caminho. Que não há caminho sem liberdade e que o caminho da liberdade se fará sempre caminhando, como diria Miguel Unamuno. Não haverá, nunca, verdadeiro poder sem liberdade. Não a liberdade dos que mandam, não a liberdade dos tiranos, não a liberdade dos que exercem o poder, mas a liberdade de todos e todos em pé de igualdade.

Citando agora o cardeal José Tolentino Mendonça: ***“Haverá sempre momentos de vacilação, de trilhos para seguir no deserto, tantas ocasiões de sofrimento e de dúvida, múltiplos instantes de incerteza, vazio e solidão mas seguirei sempre o caminho da liberdade.”***

E para terminar poderia citar, Manuel Alegre, Sofia de Melo Breyner, Manuel Tiago entre outros, mas prefiro citar um político local, que logo após as autárquicas de 2017, no seu Editorial no Boletim Municipal nº124 escreveu:

***“Por outro lado a votação obtida pela CDU acarreta a enorme responsabilidade aos eleitos desta força, que durante os próximos quatro anos deverão fazer tudo para satisfazer os legítimos anseios da população.***

***As forças menos votadas não deixam de ter a sua responsabilidade. Deverão ser coerentes, colaborantes...***

*Este é o tempo da união, de lutarmos, trabalharmos e fazermos com que o concelho seja cada vez melhor.”* Fim de citação.

Como os conceitos mudam, em tempo de vitória e em tempo de derrota, *mas sim para o bem do concelho é tempo de união.*

Viva a Liberdade!

Viva o 25 de abril!

Viva o Concelho de Mora